Let *événements m’ennuieni*

P. VALER\’

*A Américo Facâ*

1. / ENTRE LOBO E CAO

DISSOLUSAO

Escurece, e nao me seduz tatear sequer uma lampada. Pois que aprouve ao dia findar, aceito a noite.

E com ela aceito que brote uma ordem outra de seres e coisas nio figuradas.

Bra os cruzados.

Vazio de quanto amavamos, mais vasto é o céu. Povoa§ñes surgem do vacuo.

Habito alguma?

E nem destaco minha pele da confluente escuridio.

Um finn unanime concentra-se e pousa no ar. Hesitando.

E aquele agressivo espirito que o dia carreia consigo,

ja nño oprime. Assim a paz, destro§ada.

Vai durar mil anos, on extinguir-se na cor do galo? Esta rosa é definitiva,

ainda que pobre.

Imaginapao, falsa demente, ja te desprezo. E tu, palavra.

z48



No mundo, perene transito, calamo-nos.

E sem alma, corpo, és suave.

REM ISSAO

Tua memoria, pasto de poesia, tua poesia, pasto dos vulgares,

vao se engastando numa coisa fria

a que tu chamas: vida, e seus pesares.

Mas, pesares de que? perguntaria,

se esse travo de angñstia nos cantares, se o que dorme na base da elegia

vai correndo e secando pelos ares,

e nada resta, mesmo, do que escreves e te for9ou ao exilio das palavras, senao contentamento de escrever,

enquanto o tempo, em snas formas breves on longas, que sutil interpretavas,

se evapora no fundo de teu ser?

A INGAIA CIENCIA

A madureza, essa terrivel prenda

que alguém nos da, raptando-nos, com ela, todo sabor gratuito de oferenda

sob a glacialidade de uma estela,

a madureza vé, posto que a venda interrompa a surpresa da janela, o circulo vazio, onde se estenda,

e que o mundo converte numa cela.

A madureza sabe o prepo exato

dos amores, dos ocios, dos quebrantos, e nada pode contra sua ciéncia

e nem contra si mesma. O agudo olfato, o agudo olhar, a mio, livre de encantos, se destroem no sonho da existéncia.



LEGADO

Que lembran§a darei ao pats que me den tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?

Na noite do sem finn,breve o tempo esqueceu

minha incerta medalha, e a men nome se ri.

E mere9o esperar mais do que os outros, en?

Tu nao me enganas, mundo, e nio te engano a ti. Esses monstros atuais, nao os cativa Orfeu,

a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Nio deixarei de mim nenhum canto radioso, uma voz matinal palpitando na bruma

e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichOso na vida, restara, pois o resto se esfuma, uma pedra que havia em meio do caminho.

CONFISSAO

Nao amei bastante meu semelhante, niio catei o verme nem curei a sama. SP proferi algumas palavras,

melodiosas, tarde, ao voltar da festa.

Dei sem dar e beijei sem beijo.

(Cego é talvez quem esconde os olhos embaixo do catre.) E na meta-luz tesouros fanam-se, os mais excelentes.

Do que restou, como compor um homem e tudo que ele implica de suave,

de concordancias vegetais, murmfiios

de riso, entrega, amor e piedade?

Nño amet bastante sequer a mim mesmo, contudo proximo. Nao amet ninguém.

Salvo aquele passaro — vinha azul e doido —

que se esfacelou na asa do aviao.

<49

+50 CARLOS DRUM M ON D nr AN DRA DE / PO ESI A Qty \ l1'1 1 i

PERGUNTASEM FORMA DE CAVALO-MARJNHO

Que metro serve para medir-nos? Que forma é nossa e que conteudo?

Contemos algo? SOfRos contidos? Diio-nos um nome? Estamos vivos?

A que aspiramos? Que possuimos? Que relembramos? Onde jazemos?

(Nunca se finda nem se criara. Mistério é o tempo inigualavel.)

Os ANIMAIS DO PRESEPIO

Salve, reino animal: todo o peso celeste suportas no teu ermo.

Toda a carga terrestre carregas como se fosse feita de vento.

Teus cascos lacerados na lixa do caminho

e tuas cartilagens

e teu rude focinho e tua cauda zonza, teu pélo matizado;

tua escama furtiva,

as cores com que iludes teu negrume geral,

 

teu voo limitado,

ten rastro melancolico, tua pobre verfinica

em mim, que nem pastor soube ser, on serei,

se incorporam, num sopro.

Para tocar o extremo de minha natureza, limito-me: son burro.

Para trazer ao feno o senso da escultura,

concentro-me: sou boi.

A varia condipiio por onde se atropela

essa ansia de explicar-me

agora se apascenta a sombra do galpfio

neste sinal: sou anjo.

SONETILHO DO FALSO FERNANDO PFSSOA

Onde nasci, morri. Onde morri, existo. E das peles que visto muitas ha que nao vi.

*Sem* mim *como sern* ti posso durar. Desisto

de tudo quanto é misto e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto, a deusa que se ri

deste nosso oaristo,

eis-me a dizer: assisto além, nenhum, aqui,

mas nao sou en, nem isto.

z z

UTI BOI VE OS HOMENS

Tao delicados (mais que um arbusto) e correm

*e* correm de um para outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa. Certamente, falta-lhes

nfio sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres

#,|.,u/t‹„ ‹JEN1GMA

Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarao.

A TELA CONTEMPLADA

+53

e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, até sinistros. Coitados, dir-se-ia nao escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno,

como também parecem nao enxergar o que é visivel

e comum a cada um de nos, no espa§o. E ficam tristes e no rasto da tristeza chegam a crueldade.

Toda a expressao deles mora nos olhos — e perde-se a um simples baixar de cilios, a uma sombra.

Nada nos pélos, nos extremos de inconcebivel fragilidade, e como neles ha pouca montanha,

e que secura e que reentrancias e que

impossibilidade de se organizarem em formas calmas, permanentes e necessarias. Tém, talvez,

certa graga melancolica (um minuto) e com isto se fazem perdoar a agita§ao incfimoda e o translucido

vazio interior que os torna tio pobres e carecidos

de emitir sons absurdos e agfinicos: desejo, amor, ciume

(que sabemos nos?), sons que se despedapam e tombam no cam}ao como pedras aflitas e queimam a erva e a agua,

e dificil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.

MEMORIA

Amar o perdido deixa confundido este corapfio.

Nada pode o olvido contra o sem sentido apelo do Nao.

As coisas tangiveis tornam-se insensiveis a palma da mfio.

Pintor da soledade nos vestibulos

de marmore e losango, onde as colunas se deploram silentes, sem que as pombas venham trazer um pouco do seu rufio;

tra§a das finas torres consumidas

no vazio mais branco e na insolvéncia de arqiiiteturas nio arquitetadas, porque a plastica é va, se nao comove,

o criador de mitos que sufocam, desperdi§ando a terra, e ja recuam para a noite, e no charco se constelam,

por tens condutos fiui um sangue vago, e nas tuas pupilas, sob o tédio,

é a vida um suspiro sem paixao.



O filho que nao fiz hoje seria homem. Ele corre na brisa,

sem came, sem nome.

As vezes o encontro

num encontro de riuvem. Apfiia em men ombro seu ombro nenhum.

Interrogo men filho, objeto de ar:

em que gruta ou concha quedas abstrato?

 

La onde eu jazia, responde-me o halito, nao me percebeste, contudo chamava-te

como ainda te chamo (além, além do amor) onde nada, tudo aspira a criar-se.

O filho que nao fiz faz-se por si mesmo.

CONTEMPLA$AO NO BANCO



O corapño pulverizado range

sob o peso nervoso on retardado ou timido que nao deixa marca na alameda, mas deixa

essa estampa vaga no ar, *e* uma angtlstia em mim, espiralante.

Tantos pisam este chao que ele talvez um dia se humanize. E malaxado,

embebido da fluida substancia de nossos segredos, quem sabe a fior que ai se elabora, calcaria, sanguinea?

Ah, nao viver para contempla-la! Contudo, nao é longo mentar uma flor, e permitido correr por cima do estreito rio presente, construir de bruma nosso arco-iris.

Nossos donos temporais ainda nao devassaram o claro estoque de manhas

que cada um traz no sangue, no vento.

Passarei a vida entoando uma flor, pois mo sei cantar

nem a guerra, nem o amor cruel, nem os odios organizadus, e olho para os pés dos homens, e cismo.



Escultura de ar, minhas maos te modelam nua e abstrata para o homem que mo serei.

Ele talvez compreenda com todO O corpo, para além da regiao minuscula do espirito, a razao de ser, o impeto, a confusa distribui ao em mim, de seda e péssimo.

II

Nalgum lugar faz-se esse homem... Contra a vontade dos pais ele nasce, contra a astucia da medicina ele cresce, e ama, contra a amargura da politica.

Nao lhe convém o débil nome de filho, pois so a nos mesmos podemos gerar, e esse nega, sorrindo, a escura fonte.

Irmao lhe chamaria, mas irmao por que, se a vida nova

se nutre de outros sais, que nao sabemos?

Ele é seu prfiprio irmao, no dia vasto, na vasta integra9ao das formas puras, sublime arrolamento de contrarios

enla ados pOr fim.

Meu retrato futuro, como te amo,

e mineralmente te pressinto, e sinto quanto estâs longe de nosso vao desenho e de nossas roucas onomatopéias...

III

Vejo-te nas ervas pisadas.

O jornal, que ai pousa, mente.

Descubro-te ausente nas esquinas mais povoadas, e vejo-te incorpfireo, contudo nitido, sobre o mar oceano.

255

 CSRLOSDRb MONf DEADrRADE PUES1A COMPlFI

Chamar—te visño seria malconhecer as visiies de que é cheio o mundo e vazio.

Quase posso tocar-te, como as coisas diluculares que se moldam em nos, e a guarda nao captura, e vingam.

Dissolvendo a cortina de palavras, tua forma abrange a terra e se desata

a maneira do frio, da chuva, do calor e das lagrimas.

Triste é nao ter um verso maior que os literarios, é nño compor um verso novo, desorbitado,

para envolver tua efigie lunar, o quimera que sobes do chao batido e da relva pobre.

SONHO DE UM SONHO

Sonhei que estava sonhando *e* que no meu sonho havia um outro sonho esculpido. Os trés sonhos superpostos dir-se-iam apenas elos

de uma infindavel cadeia de mitos organizados

em derredor de um pobre eu. Eu que, mal de mim! sonhava.

Sonhava que no men sonho retinha uma zona liicida para concretar o fluido como abstrair o macigo.

Sonhava que estava alerta,

e mais do que alerta, ludico, e receptivo, e magnético,

e em torno a mim se dispunham possibilidades claras,

e, plastico, o ouro do tempo vinha cingir-me *e* dourar-me



para todo o sempre, para

um sempre que ambicionava mas de todo o ser temia...

Ai de mim! que mal sonhava.

Sonhei que os entes cativos dessa livre disciplina plenamente floresciam permutando no univeso uma dileta substancia

e um desejo apaziguado

de ser um com ser milhares, pois o centro era en de tudo, como era cada um dos raios desfechados para longe, alcan§ando além da terra ignota regiio lunar,

na perturbadora rota

que antigos nao palmilharam mas ficou tra§ada em branco nos mais velhos portulanos

e no po dos marinheiros afogados em mar alto.

Sonhei que meu sonho vinha como a realidade mesma.

Sonhei que o sonho se forma

nao do que desejariamos ou de quanto silenciamos em meio a ervas crescidas, mas do que vigia e fulge em cada ardente palavra proferida sem malicia, aberta como uma ftor

se entreabre: radiosamente.

Sonhei que o sonho existia nao dentro, fora de nos,

e era toca-lo e colhé-lo,

e sem demora sorvé-lo, gasta-lo sem vao receio de que um dia se gastara.

257

zs8



Sonhei certo espelho limpido com a propriedade magica de refletir o melhor,

sem azedume on frieza

por tudo que fosse obscuro, mas antes o iluminando, mansamente o convertendo *em* fonte mesma de luz.

Obscuridade! Cansapo! Oclusio de formas meigas! fi terra sobre diamantes! Ja vos libertais, sementes, germinando a superficie deste solo resgatado!

Sonhava, ai de mim, sonhando que nao sonhara... Mas via

na treva em frente a men sonho, nas paredes degradadas,

na fumapa, na impostura,

no riso man, na incleméncia, na fiiria contra os tranqiiilos, na estreita clausura fisica,

no desamor a verdade,

na auséncia de todo amor, eu via, ai de mim, sentia

que o sonho era sonho, *e* falso.

KANTIGA DE ENGANAR

O mundo nio vale o mundo,

meu bem. Eu planter um pé-de-sono, brotaram vinte roseiras.

Se me cortei nelas todas e se todas se tingiram

de um vago sangue jorrado ao capricho dos espinhos, nao foi culpa de ninguém. O mundo,

meu bem,

nio vale



a pena, e a face serena vale a face torturada. Ha muito aprendi a rir,

de que? de mime ou de nada? O mundo, valer mo vale.

Tal como sombra no vale, a vida baixa... e se sobe algum som deste declive, nao é grito de pastor convocando seu rebanho. Nao é flauta, nio é canto

de amoroso desencanto. Nao é suspiro de grilo, voz noturna de nascentes,

mo é mie chamando filho,

nño é silvo de serpentes esquecidas de morder como abstratas ao luar.

Nao é choro de crian§a para um homem se formar.

Tampouco a respira9io

de soldados e de enfermos, de meninos internados

ou de freiras em clausura.

Nao sao grupos submergidos nas geleiras do entressono

e que deixem desprender- se,

menos que simples palavra, menos que folha no outono, a particula sonora

que a vida contém, e a.morte

contém, o mero registro

de energia concentrada. Nio é nem isto nem nada.

fi som que precede a musica, sobrante dos desencontros

e dos encontros fortuitOS, dos malencontros e das miragens que se condensam ou que se dissolvem noutras absurdas figura9ñes.

O mundo nao tern sentido.

+59

2B0



O mundo e suas canpoes de timbre mais comovido estao calados, e a fala

que de uma para outra sala ouvimos em certo instante é siléncio que faz eco

e que volta a ser siléncio no negrume circundante. Siléncio: que quer dizer? Que diz a boca do mundo?

Meu bem, o mundo é fechado, se nao for antes vazio.

O mundo é talvez: e é so. Talvez nem seja talvez.

O mundo nao vale a pena, mas a pena nao existe.

Meu bem, fapamos de conta de sofrer e de olvidar,

de lembrar e de fruir,

do escolher nossas lembranpas e reverté-las, acaso

se lembrem demais em nos. Fapamos, men bem, de conta

— mas a conta nao existe — que é tudo como se fosse, ou que, se fora, nio era.

Men bem, usemos palavras. Fa amos mundos: idéias.

Deixemos o mundo aos outros, ja que o querem gastar.

Meu bem, sejamos fortissimos

— mas a forma nao existe — e na mais pura mentiia

do mundo que se desmente, recortemos nossa imagem, mais ilusoria que tudo,

pois havera maior falso

que imaginar-se alguém vivo, como se um sonho pudesse dar-nos o gosto do sonho?

Mas o sonho nao existe. Men bem, assim acordados,



assim lucidos, severos, ou assim abandonados, deixando-nos a deriva levar na palma do tempo

— mas o tempo nao existe —, sejamos como se ffiramos

num mundo que fosse: o Mundo.

OFICINA IRRITADA

Eu quero compor um soneto duro como poeta algum ousara escrever. En quero pintar um soneto escuro, seco, abafado, dificil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,

nño desperte em ninguém nenhum prazer. E que, no seu maligno ar imaturo,

ao mesmo tempo saiba ser, niio ser.

Esse men verbo antipatico e impuro ha de pungir, ha de fazer sofrer, tendfio de Venus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrara: tiro no muro,

ciio mijando no caos, enquanto Arcturo, claro enigma, se deixa surpreender.

OPACO

Noite. Certo

muitos sao os astros.

Mas o edificio barra-me a vista.

Quis interpreta-lo.

Valeu? Hoje

barra-me (ha luar) a vista.

26i

z6z

Nada escrito no céu, sei.

Mas queria ve-lo. O edificio barra-me a vista.

Zumbido

de besouro. Motor

arfando. O edificio barra-me a vista.

Assim ao luar é mais humilde. Por e1e é que sei do luar.

Nio, nio me barra

a vista. A vista se barra a si mesma.

AsPIRA$AO

Ja nao guerra a maternal adora ao

que afinal nos exaure, e resplandece em panico, tampouco o sentimento de um achado precioso como o de Catarina Kippenberg aos pés de Rilke.

E nio queria o amor, sob disfarces tontos da mesma ninfa desolada no seu ermo

e a constante procura de sede e nao de linfa, e nño queria também a simples rosa do sexo,

abscondita, sem nexo, nas hospedarias do vento, como ainda nio quero a amizade geométrica

de almas que se elegeram numa seara orgulhosa, imbricamento, talvezi de caréncias melancfilicas.

Aspiro antes a fie1 indiferen9a

mas pausada bastante para sustentar a vida

e, na sua indiscriminapfio de crueldade e diamante, capaz de sugerir o finn sem a injusti a dos prémios.

1. / NOTICIAS AMOROSAS

AMAR

Que pode uma criatura senao, entre criaturas, amar?

amar e esquecer, amar e malamar, amar, desamar, amar?

sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso, sozinho, em rota9ao universal, senao rodar também, e amar?

amar o que o mar traz a praia,

o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha, é sal, ou precisao de amor, ou simples ansia?

Amar solenemente as palmas do deserto, o que é entrega ou adora9ao expectante, e amar o inospito, o aspero,

um vaso sem flor, um chfio de ferro,

e o peito inerte, e a rna vista em sonho, e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta, distribuido pelas coisas pérfidas ou nulas, doa§ño ilimitada a uma completa ingratidao,

e na concha vazia do amor a procura medrosa,

paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na secura nossa amar a agua implicita, e o beijo tacito, e a sede infinita.

z63

264



ENTRE O PER E AS COISAS

 / CLARO Ex ic xi4 z6

l•ara renascer, eu sei, numa ficticia primavera, jâ entiio espectrais sob o aveludado da casca,

Onda e amor, onde amor, ando indagando

ao largo vento e a rocha imperativa, e a tudo me arremesso, nesse quando amanhece frescor de coisa viva.

As almas, nao, as almas vio pairando, e, esquecendo a ligao que ja se esquiva, tornam amor humor, e vago e brando o que é de natureza corrosiva.

N'agua e na pedra amor deixa gravados seus hieroglifos e mensagens, suas verdades mais secretas e mais nuas.

E nem os elementos encantados

sabem do amor que os punge e que é, pungindo, uma fogueira a arder no dia findo.

TARDE DE MAIO

Como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior ‹l‹

trazendo na sombra a aderéncia das resinas fiinebres com que nos ungiram, e nas vestes a poeira do carro funebre, tarde de maio, em que desaparecemos, sem que ninguém, o amor inclusive, pusesse reparo.

E os que o vissem nao saberiam dizer: se era um préstito lutuoso, arrastado, poeirento, ou um desfile carnavalesco. Nem houve testemunha.

Nao ha nunca testemunhas. Ha desatentos. Curiosos, muitos. Quem reconhece o drama, quando se precipita, sem mascara?

Se morro de amor, todos o ignoram

e negam. O proprio amor se desconhece e maltrata.

O proprio amor se esconde, ao jeito dos bichos calados; nao esta certo de ser amor, ha tanto lavou a memoria

das impurezas de barro e folha em que repousava. E resta, perdida no ar, por que melhor se conserve,

uma particular tristeza, a imprimir seu selo nas nuvens.

FRAGA E SOMBRA

A sombra azul da tarde nos confrange.

assim te levo comigo, tarde de maio,

quando, ao rubor dos incéndios que consumiam a terra, outra chama, nao perceptivel, e tao mais devastadora, surdamente lavrava sob mens tragos comicos,

*e* uma a uma, *disjecta membra,* deixava ainda palpitantes e condenadas, no solo ardente, porgoes de minh'alma nunca antes nem nunca mais aferidas em sua nobreza sem fruto.

Mas os primitivos imploram a reliquia saude e chuva, colheita, fim do inimigo, nfio sei que portentos.

Eu nada te peso a ti, tarde de maio,

senao que continues, no tempo e fora dele, irreversivel, sinal de derrota que se vai consumindo a ponto de converter-se em sinal de beleza no rosto de alguém que, precisamente, volve o rosto, e passa...

Outono é a esta§ao em que ocorrem tais crises, e em maio, tantas vezes, morremos.

seus morl‹›'.

Baixa, severa, a luz crepuscular.

Um sino toca, e niio saber quem tange é como se este som nascesse do ar.

Miisica breve, noite longa. O alfanje que sono e sonho ceifa devagar

mal se desenha, fino, ante a falange das nuvens esquecidas de passar.

Os dois apenas, entre céu e terra, sentimos o espetaculo do mundo, feito de mar ausente e abstrata serra.

E calcamos em nos, sob o profundo instinto de existir, outra mais pura vontade de anular a criatura.

z66 EA RLOs DRU M MON D DE AN DRA DE / POES I C‹ i, i i i i i

CANCAO PARA ALBUM DE MOCA

Born-dia: eu diZia ñ mora que de longe me sorria. Born-dia: mas da distancia ela nem me respondia.

Em viio a fala dos olhos e dos bra§os repetia

born-dia a mora que estava, de noite como de dia,

bem longe de meu poder e de men pobre born-dia.

1'i ›r si a / CLARO EN IG h4 A

De triste, turbido, inquieto, noite que se denuncia

e vai errante, sem fogos, na mais louca nostalgia.

Ah, se um dia respondesses ao meu born-dia: born-dia! Como a noite se mudara no mais cristalino dia!

RAPTO

z6y

Born-dia sempre: se acaso a resposta vier fria

ou tarde vier, contudo esperarei o born-dia.

E sobre casas compactas, sobre o vale e a serrania, irei repetindo manso

a qualquer hora: born-dia. O tempo é talvez ingrato e funda a melancolia

para que se justifique

o meu absurdo born-dia. Nem a mora poe reparo, nio sente, nio desconria

o que ha de carinho preso no cerne deste born-dia. Born-dia: repito a tarde,

a meia-noite: born-dia.

E de madrugada vou pintando a cor de meu dia, que a mora possa encontra-lo azul e rosa: born-dia.

Born-dia: apenas um eco na mata (mas quem diria) decifra minha mensagem, deseja born o *men* dia.

A mora, sorrindo ao longe, nao sente, nessa alegria,

o que ha de rude também no clarao deste born-dia.

Se uma aguia fende os ares e arrebata esse que é forma pura e que é suspiro de terrenas delicias combinadas;

e se essa forma pura, degradando-se, mais perfeita se eleva, pois atinge

a tortura do embate, no arremate

de uma exaustao suavissima, tributo com que se paga o voo mais cortante; se, por amor de uma ave, ei-la recusa o pasto natural aberto aos homens,

e pela via hermética e defesa

vai demandando o candido alimento

que a alma faminta implora até o extremo; se esses raptos terriveis se repetem

ja nos campos e ja pelas noturnas portas de pérola dubia das boates; e se ha no beijo estéril um solu9o

esquivo e refolhado, cinza em nupcias, e tudo é triste sob o céu flamante

(que o pecado cristao, ora jungido ao mistério pagfio, mais o alanceia), baixemos nossos olhos ao designio da natureza ambigua e reticente: ela tece, dobrando-lhe o amargor,

outra forma de amar no acerbo amor.

z68



CAMPO DE FLORES

Deus me deu um amor no tempo de madureza,

quando os frutos ou nfio sao colhidos on sabem a verme. Deus — ou foi talvez o Diabo — deu-me este amor maduro, e a um e outro agrade o, pois que tenho um amor.

Pois que tenho um amor, volto aos mitos pretéritos e outros acrescento aos que amor ja criou.

Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso e talhado em penumbra son e niio sou, mas sou.

Mas sou cada vez mais, eu que nfio me sabia e cansado de mim julgava que era o mundo um vacuo atormentado, um sistema de erros.

Amanhecem de novo as antigas manhiis

que nao vivi jamais, pois jamais me sorriram.

Mas me sorriam sempre atras de tua sombra imensa e contraida como letra no muro

e so hoje presente.

Deus me deu um amor porque o mereci. De tantos que ja tive ou tiveram em mim, o sumo se espremeu para fazer um vinho

ou foi sangue, talvez, que se armou em coagulo.

E o tempo que levou uma rosa indecisa a tirar sua cor dessas chamas extintas

era o tempo mais justo. Era tempo de terra. Onde nao ha jardim, as flores nascem de um secreto investimento em formas improvaveis.

Hoje tenho um amor e me fapo espaposo para arrecadar as alfaias de muitos

amantes desgovernados, no mundo, on triunfantes, e ao ve-los amorosos e transidos em torno,

o sagrado terror converto em jubilapao.

Seu grao de angustia amor ja me oferece

na miio esquerda. Enquanto a outra acaricia os cabelos e a voz e o passo e a arquitetura

e o mistério que além faz os seres preciosos a visao extasiada.



Mas, porque me tocou um amor crepuscular, ha que amar diferente. De uma grave paciéncia ladrilhar minhas mfios. E talvez a ironia

tenha dilacerado a melhor doa{ao. Ha que amar e calar.

Para fora do tempo arrasto meus despojos

e estou vivo na luz que baixa e me confunde.

z69



1. / O MENINO E OS HOMENS A UM VARAO, QUE ACABA DE NASCER

Chegas, e um mundo vai-se como animal ferido, arqueja. Nem aponta

uma forma sensivel, pois ja sabemos todos que custa a modelar-se uma raiz, um broto.

E contudo vens tarde. Todos vém tarde. A terra anda morrendo sempre, e a vida, se persiste,

passa descompassada, e nosso andar é lento, curto nosso respiro,

e logo repousamos e renascemos logo.

(Renascemos? talvez.) Crepita uma fogueira que nio aquece. Longe. Todos vém cedo, todos chegam fora de tempo, antes, depois. Durante,

quais os que aportam? Quem

respirou o momento, vislumbrando a paisagem de cora9ño presente?

Quem amou e viveu? Quem sofreu de verdade? Como saber que foi nossa aventura, e nio outra, que nos legaram? No escuro prosseguimos.

@ if x I fi / t .1.A RO ENI GMA



Num vale de onde a luz se exilou, e no entanto basta cerrar os olhos para que nele trema, remoto e matinal,

o crepusculo. Sombra! Sombra e riso, que importa?

Estendem os mais sabios a mao, e no ar ignoto

o roteiro decifram, e é as vezes um eco,

outras, a cada esquiva, que desafia, e salva-se.

E a corrente, atravessa-a, mais que o veleiro improprio, certa cumplicidade

entre nosso corpo e agua.

Os metais, as madeiras ja se deixam malear, de pena, doceis. Nada é rude tao bastante que nunca se apiede

e se furte a viver

em nossa companhia. Este é de resto o mal superior a todos:

a todos como a tudo estamos presos. E

se tentas arrancar

o espinho de teu flanco, a dor em ti rebate

a do espinho arrancado.

Nosso amor se mutila a cada instante. A cada instante agonizamos ou agoniza alguém sob o carinho nosso.

Ah, libertar-se, la

onde as almas se espelhem na mesma frigidez

de seu retrato, plenas!

fi sonho, sonho. Ilhados,

>72

 lillA / CkARO fiN|GMA 

pendentes, circunstantes, na fome e na procura

de um en imaginario

e que, sendo outro, aplaque todo este ser em ser, adoramos aquilo

que é nossa perda. E morte e evasao e vigilia

e nega fio do ser

com dissolver-se em outro transmutam-se em moeda e resgate do eterno.

Para amar *sem* motivo e motivar o amor

na sua desrazao,

Pedro, vieste ao mundo. Chamo-te meu irmao.

O CHAMADO

Na rua escura o velho poeta (fume de minha mocidade)

ja nao criava, simples criatura exposta aos ventos da cidade.

Ao vé-lo curvo e desgarrado na caotica noite urbana,

o que senti, nao alegria,

era, talvez, caréncia humana.

E pergunto ao poeta, pergunto-lhe (numa esperan a que nio digo) para onde vai — a que angra serena, a que Pasargada, a que abrigo?

A palavra oscila no espago

um momento. Eis que, sibilino, entre as aparéncias sem rumo, responde o poeta: Ao meu destino.

E foi-se para onde a intuipao, o amor, o risco desejado

o chamavam, sem que ninguém pressentisse, em torno, o Chamado.

QUINTANA'S BAR

Num bar fechado ha muitos, muitos anos, e cujas portas de ago brus- camente se descerram, encontro, que eu nunca vira, o poeta Mario Quintana.

Tao simples reconhecé-lo, toda identificapiio é vi. O poeta levanta seu corpo. Levanto o meu. Em algum lugar — coxilha? montanha? vai rorejando a manha.

Na total desincorporapio das coisas antigas, perdura um elemento ma- gico: estrela-do-mar — ou Aldebari?, tamanquinhos, menina correndo com o arco. E corre com pés de la.

Falando em voz baixa nos entendemos, eu de olhos ciimplices, ele com seu talisma. Assim me fascinavam outrora as feiti§arias da preta, na cozi- nha de picumi.

Na conspira{ao da madrugada, erra solitario — dissolve-se o bar — o poeta Quintana. Sen olhar devassa o nevoeiro, cada vez mais densa é a bru- ma de antanho.

Uma teia se tecendo, e sem trabalho de aranha. Falo de amigos que envelheceram ou que sumiram na semente de aveli.

Agora voamos sobre tetos, a garupa da bruxa estranha. Para iludir a fome, que nao temos, pintamos uma romñ.

E ja os homens sem provincia, despeta-la-se a flor aldea. O poeta apon- ta-me casas: a de Rimbaud, a de Blake, e a gruta camoniana.

As amadas do poeta, la embaixo, na curva do rio, ordenam-se em lenta pavana, e uma a uma, gotas acidas, desaparecem no poema. E ha tantos anos, sera ontem, foi amanha? Signos criptograficos ficam gravados no céu eterno — ou na mesa de um bar abolido, enquanto, debru§ado sobre o marmore, silenciosamente viaja o poeta Mario Quintana.

ANIVERSARIO

Os cinco anos de tua morte esculpiram ja uma crian a. Moldada em éter, de ta1 sorte, ela é fulva e no dia avanga.

<74 CARLOS DR U1\I L4 OND Dr AN DRAD E / PO ESI A Ut 16 11' 1 1 1

Este menino malasartico, Macunaima de novo porte, escreve cartas no ar fantastico para compensar tua morte.

Com todos os dentes, feliz,

la de um mundo sem su1 nem norte, de ten inesgotavel pais,

ris. Alegria ou puro esporte?

Ris, irmao, assim cristalino (Mozart aberto em pianoforte) o redondo, claro, apolineo

riso de quem conhece a morte.

Nao adianta, vé, te prantearmos... Tudo sabes, sem que isso importe em cinismo, pena, sarcasmo.

E, deserto, ficas mais forte.

Giras na Ursa Maior, acaso, solitario, em meio a coorte, sem, nas pupilas, flor ou vaso. Mas o jardim é teu, da morte.

Se de nosso nada possuimos salvo o apaixonado transporte

— vida é paixio —, contigo rimos, expectantes, em frente a Porta!

1. / SELO DE MINAS EVOCA$AO MARIANA

A it,reja era grande e pobre. Os altares, humildes.

I lavia poucas flores. Eram fiores de horta. Sulk a luz fraca, na sombra esculpida (quais as imagens e quais os fiéis?) liL‹ivamos.

l In padre cansado o murmurio de reza subia as tabuas do forro,

hatia no pñlpito seco,

entranhava-se na onda, miniiscula e forte, de incenso, perdia-se.

Nao, nio se perdia...

Desatava-se do coro a musica deliciosa

(que esperas ouvir a hora da morte, ou depois da morte, nas campinas do

ar)

e dessa musica surgiam meninas — a alvura mesma — cantando.

De seu peso terrestre a nave libertada, como do tempo atroz imunes nossas almas, flutuavamos

no canto matinal, sobre a treva do vale.

ESTAMPAS DE VILA RICA

Nfio calques o jardim nem assustes o passaro. Um e outro pertencem aos mortos do Carmo.

zy6



Nio bebas a esta fonte

pi n era / t .i azo ENIGMA

IV / *Hotel To folo*

nem toques nos altares. Todas estas sao prendas dos mortos do Carmo.

Quer nos azulejos ou no ouro da talha, olha: o que esta vivo

sao mortos do Carmo.

E vieram dizer-nos que nao havia jantar.

Como se nao houvesse outras fomes

e outros alimentos.

Como se a cidade nio servisse o seu pro de nuvens.

Nao, hoteleiro, nosso repasto é interior

II / *Sâo Francisco de Assis*

e so pretendemos a mesa. Comeriamos a mesa, se no-lo

ordenassem as Escrituras.

Senhor, nao mere9o isto.

Nfio creio em vos para vos amar.

Trouxestes-me a Sfio Francisco e me fazeis vosso escravo.

Nao entrarei, Senhor, no templo, seu frontispicio me basta.

Vossas flores e querubins sao matéria de muito amar.

Dai-me, Senhor, a so beleza destes ornatos. E nio a alma. Pressente-se dor de homem, paralela a das cinco chagas.

Mas entro e, Senhor, me perco na rosea nave triunfal.

Por que tanto baisar o céu? Por que esta nova cilada?

Senhor, os pulpitos mudos entretanto me sorriem.

Mais que vossa igreja, esta sabe a voz de me embalar.

Perdao, Senhor, por nao amar-vos. th / *Mercés de Cima*

Pequena prostituta em frente a Mercés de Cima. Dadiva de corpo na tarde crista.

Anjos saidos da portada

e nenhum Aleijadinho para recolhé-los.

Tudo se come, tudo se comunica, tudo, no cora9ao, é ceia.

*v / Museu da Inconfidéncia*

Sao palavras no chao e mem6ria nos autos. As casas inda restam, os amores, mais nio.

E restam poucas roupas, sobrepeliz de pâroco,

a vara de um juiz, anjos, purpuras, ecos.

Macia flor de olvido, sem aroma governas

o tempo ingovernavel. Muros pranteiam. So.

Toda hist6ria é remorso.

MORTE DAS CASAS DE OURO PRETO

Sobre o tempo, sobre a taipa, a chuva escorre. As paredes que viram morrer os homens, que viram fugir o ouro,

que viram finar-se o reino, que viram, reviram, viram,

ja nao véem. Também morrem.

zy8 CARLOS DsUr uOxD Dr As DRADE e POES IA Com i i

Assim plantadas no outeiro, menos rudes que orgulhosas na sua pobreza branca,

azul e rosa *e* zarcao, ai, pareciam eternas!

Nao eram. E cai a chuva sobre rotula e portao.

Vai-se a rotula crivando como a renda consumida de um vestido funerario. E ruindo se vai a porta.

So a chuva monorritmica sobre a noite, sobre a historia goteja. Morrem as casas.

Morrem, severas. fi tempo de fatigar-se a matéria

por muito servir ao homem, e de o barro dissolver-se.

Nem parecia, na serra,

que as coisas sempre cambiam de si, em si. Hoje, vao-se.

O chio come9a a chamar as formas estruturadas

faz tanto tempo. Convoca-as a serem terra outra vez.

Que se incorporem as amores hoje vigas! Volte o po

a ser po pelas estradas!

A chuva desce, as canadas.

Omo chove, como pinga no pais das remembran9as! Como bate, como fere, como traspassa a medula, como punge, como lanha

o fino dardo da chuva

mineira, sobre as colinas! Minhas casas fustigadas, minhas paredes zurzidas,

§l it s16 / t .I.A kO ENIG M A



minhas esteiras de forro, meus cachorros de beiral, meus pa os de telha-vi estio umidos e humildes.

La vao, enxurrada abaixo as velhas casas honradas em que se amou e pariu, *em* que se guardou moeda e no frio se bebeu.

Vio no vento, na cali a, no morcego, vao na geada,

enquanto *se* espalham outras em polvorentas particulas, sem as vermos fenecer.

Ai, como morrem as casas! Como se deixam morrer! E descascadas e secas,

ei-las sumindo-se no ar.

Sobre a cidade concentro o olhar experimentado, esse agudo olhar afiado

de quem é douto no assunto. (Quantos perdi me ensinaram.) Vejo a coisa pegajosa,

vai circunvoando na calma.

Nao basta ver morte de homem para conhecé-la bem.

Mil outras brotam em nfis, a nossa roda, no chio.

A morte baixou dos ermos, gaviio molhado. Sen bico vai lavrando o paredio

e dissolvendo a cidade. Sobre a ponte, sobre a pedra, sobre a cambraia de Nize, uma colcha de neblina

(ja nao é a chuva forte) me conta por que mistério

o amor se banha na morte.

z8o



CANTO NEGRO

A beira do negro polo debru9o-me, nada alcanpo.

Decerto perdi os olhos que tinha quando crian9a.

Decerto os Perdi. Com eles é que ie encarava, preto, gravura de cama e padre, talhada em pele, no medo.

Ai, preto, que ris em mim, nesta roupinha de Into

e nesta noite sem causa, com saudade das ambacas que nunca vi, e aonde fui num cabelo de sovaco.

Preto que vivi, chupando ja nao sei que seios moles mais claros no busto preto no longo corredor preto entre volutas de preto

cachimbo em preta cozinha.

Ja nao sei onde te escondes que nao me encontro nas tuas dobras de manto mortal.

Ja nao sei, negro, em que va.«o, que vao on que labirinto

de mim, te esquinas a mim, e zombas desta gelada calma vi de suiga e de alma

em que me pranteio, branco, brinco, bronco, triste blau de neutro brasiio escocio...

Meu preto, o born era o nosso.

O mau era o nosso. E amavamos a comum esséncia triste

que transmutava os carinhos numa visguenta do§ura

de vulva negro-amaranto,



barata! que vosso preso, o corpos de antigamente, somente estava no dom de vos mesmos ao desejo,

num entregar-se sem pejo

de terra pisada.

Amada, talvez nio, mas que cobi a tu me despertavas, linha que subindo pelo artelho, enovelando-se no joelho, dava ao mistério das coxas

uma ardente pulcritude, uma gra9a, uma virtude que nem sei como acabava entre as moitas e coagulos da letargica bacia

onde a gente se pasmava,

se perdia, se afogava e depois se ressarcia.

Bacia negra, o clarao

que subito entremostravas

ilumina toda a vida

e por sobre a vida entreabre um coalho fixo lunar, neste amarelo descor

das posses de todo dia, Vol preto sobre agua fria.

Vejo os garotos na escola, preto-branco-branco-p reto, vejo pés pretos e uns brancos dentes de marfim mordente, o alvor do riso escondendo

outra negridao maior,

o negro central, o negro que enegrece ten negrume e que nada mais resume além dessa solitude

que do branco **Val** ao preto

e do preto volta pleno

281

z8z

'1 iI N I ,'\ /1 I ARO EN IGM A z8

de solupos e resmungos,

como um rancor de si mesmo...

Como um rancor de si mesmo, vem do preto essa ternura,

dli i.ss,is lavras mto. nossas por heranpa de nossos pais e sogros bem-amados

,J ili›i iiicm a paz de Deus entre santas e santos martirizados.

l'i›i isso neste papel azul Bath escrevemos com a nossa melhor letra eil‹',s nomes q em qualquer tempo desafiarao tramoia trapapa e treta:

essa onda amarga, esse bafo a rodar pelas calpadas, famélica voz perdida

ESMERIL

CANDONGA

PISSARRAO

CONCE1$AO

numa garrafa de breu,

de pranto ou coisa nenhuma:

esse estar e nao-estar, esse nio-estar ja sendo, esse ir como esse refluir,

dan ar de umbigo, liturgico, sofrer, brunir bem a roupa que so um anjo vestira,

se é que os anjos se mirassem, essa nostalgia rara

de um pais antes dos outros, antes do mito e do so1,

onde as coisas nem de brancas fossem chamadas, lanpando-se definitivas eternas

coisas bem antes dos homens.

A beira do negro polo debru o-me; e nele vejo, agora que nño sou mono, um passarinho e um desejo.

Os BENS E O SANGUE



As duas horas da tarde deste nove de agosto de i84y

nesta fazenda do Tanque e em dez outras casas de rei, *q* nio de valete em Itabira Ferros Guanhaes Cocais Joanésia Capao

diante do estrume em *q* se movem nossos escravos e da vira9ao perfumada dos cafezais *q* trauma na palma dos coqueiros

fiéis servidores de nossa paisagem e de nossos fins primeiros,

deliberamos vender, como de fato vendemos, cedendo posse jus e doiiiiii i. e abrangendo desde os engenhos de secar areia ate o ouro mais fino,

é I tido damos por vendido ao compadre e nosso amigo o snr. Raimundo

Procopio t a d. Maria Narcisa sua mulher e o *q* nao for vendido, por alborque

tle nossa mao passara, e trocaremos lavras por matas,

l«vras por tttulos, lavras por mulas, lavras por mulatas e arriatas,

q lrcicar é nosso fraco e lucrar é nosso forte. Mas fique esclarecido: si›iuos levados menos por gosto do sempre negocio *q* no sentido

tic nossa remota descendéncia ainda mal debuxada no longe dos serros. lie nossa mente lavamos o ouro como de nossa alma um dia os erros

*«t* lavarao na pia da peniténcia. E filhos netos bisnetos

luiaranetos despojados dos bens mais solidos e rutilantes portanto os mais

completos

lrao tomando a pouco e pouco desapego de toda fortuna

e concentrando seu fervor numa riqueza so, abstrata e una.

LAVRA DA PACIENCIA LAVRINHA DE CUBAS ITAB1RU$U

Mais que todos deserdamos deste nosso obliquo modo um menino inda nio nado (e melhor nio fora nado) que de nada ltte daremos sua parte de nonada

e que nada, porém nada o ha de ter desenganado.

E nossa rica fazenda

ja presto se desfazendo vai-se em sal cristalizando na porta de sua casa

ou ate na ponta da asa de seu nariz fino e fragil,

4 CAsrOs DRU v u o u n or AN DRADE / POESIA COMP i i i

de sua alma fina e fragil, de sua certeza fragil fragil fragil fragil fragil

mas *que* por fragil é agil,

l'i \*I '•i. / ( 'i.PRO Evicts

um novo equilibrio e seu passo tibio saira na cola

de nenhum caminho.

V

285

e na sua mala-sorte se rira ele da morte.

III

Este figura em nosso pensamento secreto. Num magoado alvoro9o o queremos marcado

a nos negar; depois de sua negapio

nos buscara. Em tudo sera pelo contrario

seu fado extra-ordinario.

Vergonha da familia

que de nobre se humilha na sua malincfinica tristura meio cfimica, dulciamara nux-vomica.

IV

Este hemos por bem reduzir a simples condipao ninguém. Nao lavrara campo.

Tirara sustento

de algum mel nojento. Ha de ser violento sem ter movimento.

Sofrera tormenta

no melhor momento.

Nao se sujeitando a um poder celeste ei-lo senao quando de nudez se veste, roga a escuridao abrir-se em clario.

Este sera tonto

e amara no vinho

* Nao judie com o menino, compadre.
* Nao torna tanto o pepino, major.
* Assim vai crescer mofino, sinho!
* Pedimos pelo menino porque pedir é nosso destino. Pedimos pelo menino porque vamos acalenta-lo.

Pedimos pelo menino porque ja *se* ouve planger o sino do tombo que ele levar quando monte a cavalo.

* Vai cair do cavalo de cabega no valo.

Vai ter catapora amarelao e galico vai errar o caminho

vai quebrar o pesco o vai deitar-se no espinho fazer tanta besteira

e dar tanto desgosto que nem a vida inteira dava para contar.

E vai muito chorar. (A praga que te rogo para ten bem sera.)

VI

*Os urubus no talhado:*

E vira a companhia inglesa e por sua vez comprara tudo e por sua vez perdera tudo e tudo volvera a nada

e secado o ouro escorrerfi ferro, e secos morros de ferro taparao o vale sinistro onde nao mais havera privilégios,

e se irao os ultimos escravos, e virao os primeiros camaradas; e a besta Belisa rendera os arrogantes corcéis da monarquia,



e a vaca Belisa dara leite no curral vazio para o menino doentio, e o menino crescera sombrio, e os antepassados no cemitério

se rirao se rirao porque os mortos nio choram.

VII

fi monstros lajos e andridos que me perseguis com vossas barganhas sobre meu ber9o imaturo e de minhas minas me expulsais.

Os parentes que en amo expiraram solteiros.

Os parentes que eu tenho nio circulam em mim.

Meu sangue é dos que nao negociaram, minha alma é dos pretos, minha came, dos palhagos, minha fome, das nuvens,

e nio tenho outro amor a nao ser o dos doidos.

Onde estas, capitao, onde estas, Joño Francisco, do alto de tua serra eu te sinto sozinho

e sem filhos e netos interrompes a linha que veio dar a mim neste chio esgotado.

Salva-me, capitio, de um passado voraz. Livra-me, capitio, da conjura dos mortos.

Inclui-me entre os que nao sao, sendo filhos de ti. E no fundo da mina, 6 capitao, me esconde.

VIII

— fi meu, o nosso filho de cem anos depois, que nio sabes viver nem conheces os bois pelos seus nomes tradicionais... nem suas cores marcadas em padroes eternos desde o Egito.

O filho pobre, e descor oado, e finito

o inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais

com a faca, o formio, o couro... fi tal como quiséramos para tristeza nossa e consumapio das eras,

para o finn de tudo que foi grande!

fi desejado,

o poeta de uma poesia que se furta e se expande a maneira de um lago de pez e residuos letais... Es nosso fim natural e somos teu adubo,

tua explicapio e tua mais singela virtude... Pois carecia que um de nos nos recusasse para melhor servir-nos. Face a face

te contemplamos, e é teu esse primeiro

e umido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

v / 0s LABIOS CERRADOS KONVIVIO

t.ada dia que passa incorporo mais esta verdade, de que eles nio vivem

senfio em nos

r p‹›r isso vivem tio pouco; tio intervalado; tao débil.

l'orii de rios é que talvez deixaram de viver, para o que se chama tempo.

f. essu eternidade negativa nio nos desola.

Police e mal que eles vivam, dentro de nos, é vida nfio obstante. 1: jii nao enfrentamos a morte, de sempre trazé-la conosco.

Mas, como estio longe, ao mesmo tempo que nossos atuais habitantes e nossos hospedes e nossos tecidos e a circulapio nossa!

A niais ténue forma exterior nos atinge. O pr6ximo existe. O passaro existe.

*)* eles também existem, mas que obliquos! e mesmo sorrindo, que disfar-

dados...

H$ que renunciar a toda procura.

Neo os encontrariamos, ao encontra-los. I'er e nio ter em rios um vaso sagrado, um deposito, uma presen§a continua, eita é nossa condi9io, enquanto

Atm condipio transitamos i julgamos amar

t calamo-nos.

Ou talvez existamos somente neles, que sio omissos, e nossa existéncia, apenas uma forma impura de siléncio, que preferiram.

z88 C.\RLOS DRU M M OND DE AN DRA DE / PO ESI A CC3 k II'1 1 !

PERkJANENCIA

Agora me lembra um, antes me lembrava outro. Dia vira em que nenhum sera lembrado.

Entao no mesmo esquecimento se fundirao.

Mais uma vez a came unida, e as bodas

cumprindo-se em si mesmas, como ontem e sempre.

Pois eterno é o amor que une e separa, e eterno o finn (ja comegara, antes de ser), e somos eternos,

frageis, nebulosos, tartamudos, frustrados: eternos.

E o esquecimento ainda é mem6ria, e lagoas de sono selam em seu negrume o que amamos e fomos um dia, ou nunca fomos, e contudo arde em nos

a maneira da chama que dorme nos paus de lenha jogados no galpao

PERGUNTAS

Numa incerta hora fria perguntei ao fantasma que forma nos prendia, ele a mim, que presumo estar livre de tudo,

eu a ele, gasoso, todavia palpavel

na sombra que projeta sobre meu ser inteiro: um ao outro, cativos desse mesmo principio ou desse mesmo enigma que distrai ou concentra e renova e matiza,

prolongando-a no espapo, uma angustia do tempo.

Perguntei-lhe em seguida o segredo de nosso convivio sem contato,

de estarmos ali quedos,

['t il ‘• i '\ /1 LA RO EN IGM A

9

eu em face do espelho, e o espelho devolvendo uma diversa imagem, mas sempre evocativa do primeiro retrato

que compñe de si mesma a alma predestinada

a um tipo de aventura terrestre, cotidiana.

Perguntei-lhe depois por que tanto insistia nos mares mais exiguos em distribuir navios desse calado irreal,

sem rota ou pensamento de atingir qualquer porto, propicios a naufragio mais que a navega§ao; nos frios alcantis

de meu serro natal, desde muito derruido, em acordar memorias de vaqueiros e vozes, magras reses, caminhos onde a bosta de vaca

é o ñnico ornamento,

e o coqueiro-de-espinho desolado se alteia.

Perguntei-lhe por finn a razio sem razio

de me inclinar aflito sobre restos de restos, de onde nenhum alento vem refrescar a febre deste repensamento;

sobre esse chio de ruinas imfiveis, militares

na sua rigidez

que o orvalho matutino ja nño banha ou conforta.

*!9* CARLos DRN v uOxn Dr AN DR A DE / POESIA COM I i i

No voo que desfere, silente e melancolico, rumo da eternidade, ele apenas responde (se acaso é responder

a mistérios, somar-lhes um mistério mais alto):

*Amar, depois de perder.*

CARTA

Bern quisera escreve-la com palavras sabidas, as mesmas, triviais, embora estremecessem a um toque de paixao.

Perfurando os obscuros canais de argila e sombra, ela iria contando

que you bem, e amo sempre e amo cada vez mais

a essa minha maneira torcida e reticente,

e espero uma resposta, mas *que* nio tarde; e pelo um objeto minusculo

so para dar prazer

a quem pode oferta-lo; diria ela do tempo

que faz do nosso lado; as chuvas ja secaram, as crianpas estudam, uma ñltima invenpao (inda nio é perfeita) faz ler nos coragñes, mas todos esperamos

rever-nos bem depressa. Muito depressa, nio.

Var-se tornando o tempo estranhamente longo

a medida que encurta.

ft u si• / Cisco EuicMA

O que ontem disparava, desbordado alazao,

hoje se paralisa

em esfinge de marmore, e até o sono, o sono

que era grato e era absurdo é um dormir acordado numa planicie grave.

Rapido é o sonho, apenas, que se vai, de mandar noticias amorosas

quando nio ha amor a dar ou receber;

quando so ha lembranga, ainda menos, po,

menos ainda, nada, nada de nada em tudo,

em mim mais do que em tudo, e nio vale acordar

quem acaso repouse na colina sem amores.

Contudo, esta é uma carta.

ENCONTRO

Men pai perdi no tempo e ganho em sonho. Se a noite me atribui poder de fuga,

sinto logo meu pai e nele ponho

o olhar, lendo-lhe a face, ruga a ruga.

Esta morto, que importa? Inda madruga e seu rosto, nem triste nem risonho,

é o rosto, antigo, o mesmo. E nño enxuga suor algum, na calma de men sonho.

Oh men pai arquiteto e fazendeiro! Faz casas de siléncio, e suas rotas de cinza estao maduras, orvalhadas

por um rio que corre o tempo inteiro,

e corre além do tempo, enquanto as nossas murcham num sopro fontes represadas.

29# CARLOS DR U M MON D E AN DRADA / POES I CO MPL E I

A MESA

E nio gostavas de festa... fi velho, que festa grande hoje te faria a gente.

E tens filhos que rito bebem e o que gosta de beber,

em torno da mesa larga, largavam as tristes dietas, esqueciam seus fricotes, e tudo era farra honesta

acabando em confidéncia. Ai, velho, ouvirias coisas de arrepiar tens noventa. E dat, nao te assustavamos, porque, com riso na boca, e a nédia galinha, o vinho portugués de boa pinta,

e mais o que alguém faria de mil coisas naturals

e fartamente poria

em mil terrinas da China, ja logo te insinuavamos que era tudo brincadeira.

Pois sim. Teu olho cansado, mas afeito a ler no campo uma lonjura de léguas,

e na lonjura uma res perdida no azul azul, entrava-nos alma adentro e via essa lama podre

e com pesar nos fitava e com ira amaldi oava e com do9ura perdoava (perdoar é rito de pais,

quando nio seja de amantes). E, pois, todo nos perdoando, por dentro te regalavas

de ter fdhos assim... Puxa, grandessissimos safados, me sairam bem melhor

que as encomendas. De resto,

)'i i i ',I .\ / t 1.A RO EN IGM A



filho de peixe... Calavas, com agudo sobrecenho interrogavas em ti

uma lembran§a saudosa e niio de todo remota

e rindo por dentro e vendo que lan§aras uma ponte dos passos loucos do avo

a incontinéncia dos netos, sabendo que toda carne aspira a degrada ao,

mas numa via de fogo e sob um arco sexual,

tossias. Hem, hem, meninos,

nio sejam bobos. Meninos? Uns marmanjos cinquentfies, calvos, vividos, usados,

mas resguardando no peito

essa alvura de garoto, essa fuga para o mato, essa gula defendida

e o desejo muito simples de pedir a mie que cosa, mais do que nossa camisa,

nossa alma frouxa, rasgada... Ai, grande jantar mineiro que seria esse... Comiamos, e comer abria fome,

e comida era pretexto.

E nem mesmo precisavamos ter apetite, que as coisas deixavam-se espostejar,

e amanhi é que eram elas. Nunca desdenhe o tutu.

VG la mais um torresminho. E quanto ao peru? Farofa ha de ser acompanhada

de uma boa cachacinha, nao desfazendo em cerveja, essa grande camarada.

Ind'outro dia... Comer guarda tamanha importancia

^94 UARLOS DRU M MON D DE AN DRAD E / PO ESI A TO M 1’1 } i

que so o prato revele

o melhor, o mais humano dos seres em sua treva?

Beber é pois tao sagrado que so bebido meu mano me desata seu queixume, abrindo-me sua palma?

Sorver, papar: que comida mais cheirosa, mais profunda no seu tronco luso-arabe,

e que bebida mais santa que a todos nos une em um ta1 centimano glutio, parlapatio e bonzio!

E nem falta a irma que foi mais cedo que os outros e era rosa de nome e nascera

em dia tal como o de hoje para enfeitar tua data.

Seu nome sabe a camélia, e sendo uma rosa-amélia, flor muito mais delicada

que qualquer das rosas-rosa, viveu bem mais do que o nome, porém no intimo claustrava

a rosa esparsa. A ten lado, vé: recobrou-se-lhe o vivo. Aqui sentou-se o mais velho. Tipo do manso, do sonso, nao servia para padre, amava casos bandalhos; depois o tempo fez dele

o que faz de qualquer um; e a medida que envelhece, vai estranhamente sendo retrato teu sem ser tu,

de sorte que se o diviso de repente, sem anuncio, és tu que me reapareces noutro velho de sessenta. Este outro aqui é doutor,

o bacharel da familia,

Pi Sis / CLARO Erica.x

mas suas letras mais doutas sao as escritas no sangue,

ou sobre a casca das amores.

Sabe o nome da florzinha e nao esquece o da fruta mais rara que se prepara num casamento genético. Mora nele a nostalgia, citadino, do ar agreste,

e, camponés, do letrado. Entao vira patriarca.

Mais adiante vés aquele que de ti herdou a dura

vontade, o duro estoicismo. Mas, nao quis te repetir.

Achou nao valer a pena reproduzir sobre a terra o que a terra engolira. Amou. E ama. E amara.

So nao quer que seu amor seja uma prisio de dois, um contrato, entre bocejos e quatro pés de chinelo. leroz a um breve contato, a segunda vista, seco,

a terceira vista, lhano,

dir-se-ia que ele tern medo de ser, fatalmente, humano. Dir-se-ia que ele tern raiva,

mas que mel transcende a raiva,

e que sabios, ardilosos recursos de se enganar quanto a si mesmo: exercita uma forma que nao sabe chamar-se, apenas, bondade. Esta calou-se. Nio quis manter com palavras novas o colfiquio subterraneo

que num sussurro percorre a gente mais desatada.

Calou-se, nao te aborre§as. Se tanto assim a querias,

295

296 CARLOs DsUr vOND D£ As n RAD E / Po rSJA C‹ ›s i i i i i

algo nela ainda te quer, ñ maneira atravessada

que é propria de nosso jeito. (N'ao ser feliz tudo explica.) Bern sei como sao penosos esses lances de familia,

e discutir neste instante seria matar a festa,

matando-te — nño se morre uma so vez, nem de vez.

Restam sempre muitas vidas para serem consumidas

na razao dos desencontros de nosso sangue nos corpos por onde vai dividido.

Ficam sempre muitas mortes para serem longamente reencarnadas noutro morto. Mas estamos todos vivos.

E mais que vivos, alegres. Estamos todos como éramos antes de ser, e ninguém

dira que ficou faltando

algum dos tens. Por exemplo: ali ao canto da mesa,

nño por humilde, talvez por ser o rei dos vaidosos e se pelar por incfimodas posi§ñes de tipo *gauche,* ali me vés tu. Que ta1?

Fica tranqiiilo: trabalho.

Afinal, a boa vida ficou apenas: a vida

(e nem era assim tio boa e nem se fez muito ma). Pois ele sou eu. Repara: tenho todos os defeitos que nfio farejei em ti,

e nem os tenho que tinhas, quanto mais as qualidades. Nao importa: son ten filho com ser uma negativa



maneira de te afirmar.

La que brigamos, brigamos opa! que nao foi brinquedo, mas os caminhos do amor, so amor sabe trilha-los.

Tio ralo prazer te dei, nenhum, talvez... on senao, esperan§a de prazer,

é, pode ser que te desse a neutra satisfa§io

de alguém sentir que seu filho,

de tao intitil, seria sequer um sujeito ruim.

Nao son um sujeito ruim. Descansa, se o suspeitavas, mas nao sou la essas coisas.

Alguns afetos recortam o men cora9ao chateado. Se me chateio? demais.

Esse e meu mal. Nio herdei de ti essa balda. Bern,

nao me olhes tao longo tempo,

que ha muitos a ver ainda. Ha oito. E todos mindsculos, todos frustrados. Que flora mais triste fomos achar

para ornamento de mesa! Qual nada. De tao remotos, de tño puros e esquecidos

no chao que suga e transforma, sio anjos. Que luminosos!

que raios de amor radiam, e em meio a vagos cristais, o cristal deles retine, reverbera a propria sombra. Sio anjos que se dignaram participar do banquete, alisar o tamborete,

viver vida de menino.

Sao anjos; e mal sabias

que um mortal devolve a Deus algo de sua divina

+97

298



substñncia aérea e sensivel, se tern um filho e se o perde. Conta: quatorze na mesa.

Ou trinta? serao cinquenta,

que sei? se chegam mais outros, uma carne cada dia multiplicada, cruzada

a outras carries de amor. Sao cinquenta pecadores, se pecado é ter nascido

e provar, entre pecados, os que nos foram legados. A procissfio de teus netos, alongando-se em bisnetos, veio pedir tua bén to

*e* comer de teu jantar.

Repara um pouquinho nesta, no queixo, no olhar, no gesto, e na consciéncia profunda

e na graga menineira, e dize, depois de tudo,

se nao é, entre meus erros, uma imprevista verdade. Esta é minha explicapiio meu verso melhor ou unico,

meu tudo enchendo meu nada.

Agora a mesa repleta esta maior do que a casa. Falamos de boca cheia,

xingamo-nos mutuamente, rimos, ai, de arrebentar, esquecemos o respeito terrivel, inibidor,

e toda a alegria nossa, ressecada em tantos negros br6dios comemorativos

(nao convém lembrar agora), os gestos acumulados

de efusao fraterna, atados (nao convém lembrar agora), as fina-e-meigas palavras

que ditas naquele tempo

l'i ›i st a / CLARO EN lGMA

teriam mudado a vida

(nao convém mudar agora), vem tudo a mesa e se espalha qual inédita vitualha.

Oh que ceia mais celeste e que gozo mais do chio!

Quem preparou? que inconteste vocagao de sacrificio

pos a mesa, teve os filhos? quem se apagou? quem pagou a pena deste trabalho?

quem foi a mño invisivel que trapou este arabesco

de flor em torno ao pudim, como se trapa uma auréola? quem tern auréola? quem nao a tern, pois que, sendo de ouro, cuida logo em reparti-la,

e se pensa melhor faz?

quem senta do lado esquerdo, assim curvada? que branca,

mas que branca mais que branca tarja de cabelos brancos

retira a cor das laranjas, anula o po do cafe,

cassa o brilho aos serafins? quem é toda luz e é branca? Decerto nao pressentias como o branco pode ser uma tinta mais diversa

da mesma brancura... Alvura elaborada na auséncia

de ti, mas ficou perfeita, concreta, fria, lunar.

Como pode nossa festa

ser de um so que nao de dois? Os dois ora estais reunidos numa alian a bem maior

que o simples elo da terra. Estais juntos nesta mesa de madeira mais de lei

que qualquer lei da repiiblica.

899

 

Estais acima de nos, acima deste jantar

para o qual vos convocamos

por muito — enfim — vos querermos e, amando, nos iludirmos

junto da mesa

vazia.

VI / A MAQUINA DO MUNDO A MAQUINA DO MUNDO

E como eu palmilhasse vagamente uma estrada de Minas, pedregosa, e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos que era pausado e seco; e aves pairassem no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo

na escuridiio maior, vinda dos montes e de meu proprio ser desenganado,

a maquina do mundo se entreabriu para quem de a romper ja se esquivava e so de o ter pensado se carpia.

Abriu-se majestosa e circunspecta, sem emitir um som que fosse impuro nem um clarao maior que o toleravel

pelas pupilas gastas na inspe ao continua e dolorosa do deserto, e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade que transcende a pr6pria imagem sua debuxada no rosto do mistério, nos abismos.

Abriu-se em calma pura, e convidando quantos sentidos e intuigñes restavam a quem de os ter usado os ji perdera

30 2



e nem desejaria recobra-los,

se em vio e para sempre repetimos

os mesmos sem roteiro tristes périplos,

convidando-os a todos, em coorte, a se aplicarem sobre o pasto inédito da natureza mitica das coisas,

assim me disse, embora voz alguma ou sopro ou eco ou simples percussao

atestasse que alguém, sobre a montanha,

a outro alguém, noturno e miseravel, em coloquio se estava dirigindo:

“O que procuraste em ti ou fora de

teu ser restrito e nunca se mostrou, mesmo afetando dar-se on se rendendo, e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza sobrante a toda pérola, essa ciéncia sublime e formidavel, mas hermética,

essa total explica9ao da vida, esse nexo primeiro e singular,

que nem concebes mais, pois tio esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente

em que te consumiste... ve, contempla, abre ten peito para agasalha-lo.”

As mais soberbas pontes e edificios, o que nas oficinas se elabora,

o que pensado foi e logo atinge

distancia superior ao pensamento, os recursos da terra dominados,

e as paixoes e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre ou se prolonga até nos animais

e chega as plantas para se embeber

fotsil / CLARO ENIGMA

no sono rancoroso dos minérios,

da volta ao mundo e torna a se engolfar na estranha ordem geométrica de tudo,

e o absurdo original e seus enigmas, suas verdades altas mais que tantos monumentos erguidos a verdade;

e a memoria dos deuses, e o solene sentimento de morte, que floresce no caule da existéncia mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance

*e* me chamou para seu reino augusto, afinal submetido a vista humana.

Mas, como eu relutasse em responder a tal apelo assim maravilhoso,

pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,

a esperanga mais minima — esse anelo de ver desvanecida a treva espessa

que entre os raios do sol inda se filtra;

como defuntas crenpas convocadas presto e fremente nao se produzissem a de novo tingir a neutra face

que vou pelos caminhos demonstrando, *e como* se outro ser, nio mais aquele habitante de mim ha tantos anos,

passasse a comandar minha vontade que, ja de si soluvel, se cerrava semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas; como se um dom tardio ja nao fora apetecivel, antes despiciendo,

baixei os olhos, incurioso, lasso, desdenhando colher a coisa oferta que se abria gratuita a meu engenho.

303

3°4 CARLCOS D R U It LIO D c A DRA DE / P OESJA CO M PLC I

A treva mais estrita ja pousara

sobre a estrada de Minas, pedregosa, e a maquina do mundo, repelida,

se foi miudamente recompondo, enquanto eu, avaliando o que perdera, seguia vagaroso, de mfios pensas.

RELOGIO DO ROSARIO

Era tdo claro o dia, mas a treva,

|'i ›i ',i / CLARO Ed IG MA

dor dos bichos, oclusa nos focinhOS, nas caudas titilantes, nos arminhos,

dor do espa9o e do caos e das esferas, do temp que ha de vir, das velhas eras!

Nao é pois todo amor alvo divino,

*e* mais agtida seta que o destino?

Nao é motor de tudo e nossa unica fonte de luz, na luz de sua tunica?

elide a face... Ele murmura

305

do som baixando, em seu baixar me leva

pelo amago de tudo, e no mais fundo

O amor algo que

foge, e é brisa e fala impura.

decifro o choro panico do mundo,

que se entrelapa no men proprio choro, e compomos os dois um vasto coro.

Oh dor individual, afrodisiaco selo gravado *em* plano dionisiaco,

a desdobrar-se, tal um fogo incerto,

em qualquer um mostrando o ser deserto,

dor primeira e geral, esparramada, nutrindo-se do sal do proprio nada,

convertendo-se, turva e minuciosa,

em mil pequena dor, qual mais raivosa,

prelibando o momento born de doer, a invoca-lo, se custa a aparecer,

dor de tudo e de todos, dor sem nome, ativa mesmo se a memoria some,

dor do rei e da roca, dor da cousa indistinta e universa, onde repousa

tao habitual e iica de pungéncia

como um fruto maduro, uma vivéncia,

O amor nao nos explica. E nada basta, nada é de natureza assim tao casta

que nio macule ou perca sua esséncia ao contato furioso da existéncia.

Nem existir é mais que um exercicio de pesquisar de vida um vago indicio,

a provar a nos mesmos que, fivendo, estamos para doer, estamOS doendo.

Mas, na dourada praga do Rosario,

foi-se, no som, a sombra. O columbârio

ja cinza se concentra, po de tumbas,

ja se permite azul, risco de pombas.

FIM DC “CLARO ENIGMA”